

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – **UNEAL**
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO- **PROGRAD**
CURSO DE LICENCIATURA INDIGENA DE ALAGOAS
CAMPUS III – PALMEIRA DOS INDIOS

ELIETE VENTURA LIMA

TRADIÇÕES E PERTENCIMENTO:
relação do povo Jiripancó com os elementos sagrados

PALMEIRA DOS ÍNDIOS
2015

ELIETE VENTURA LIMA

**TRADIÇÕES E PERTENCIMENTO:
relação do povo Jiripancó com os elementos sagrados**

Artigo apresentado a UNEAL Universidade Estadual de Alagoas no curso de Licenciatura em Intercultural Indígena em História, sob a orientação do Professor Mestre José Adelson Lopes Peixoto

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2015

TRADIÇÕES E PERTENCIMENTO:

Relação do povo Jiripancó com os elementos Sagrados

ELIETE VENTURA LIMA¹

RESUMO: este artigo tem como objetivo apresentar os objetos da tradição do povo indígena Jiripancó e suas relações de pertencimento a esses elementos, como se sentem partes intrigantes diretos dessas manifestações e como entendem o mundo material e as organizações para manter sua identidade como tudo faz parte da vida do povo de forma natural. Pretende-se ainda, alavancar a ideia de que o pertencimento se encontra enraizado intimamente nos espaços físicos que exigem a terra como garantia na maior parte, para a sua reafirmação quase que cotidiana, no modo específico do povo cultivar sua identidade e pertencimento. Esse trabalho foi realizado através de análise de documentos, pesquisa bibliográfica e entrevistas com lideranças na comunidade objeto dessa pesquisa. Teoricamente, o trabalho ancora-se nos estudos de Maria de Fátima Brito e Hilário Franco Júnior.

Considerações iniciais

A relação dos povos indígenas com seus elementos sagrados é algo bem particular que os identificam ao ponto de estarem intimamente ligados, pois o pertencimento ultrapassa as fronteiras do mundo material, levando-os ao universo místico. Com isso não é difícil entender porque em alguns aspectos esses símbolos e instrumentos estão cheios de significados distintos entre os povos, mesmo que tenham uma ligação ancestral.

Iremos tratar neste trabalho do poder de pertencimento, da relação estreita do povo indígena Jiripancó com seus elementos que carregam a sua essência étnica, sua comunhão comunitária, bem enlaçada no povo desde sua formação em 1894, quando outros indígenas oriundos do povo Pancararu (de Pernambuco), de forma fraterna construíram um território material e espiritual (o primeiro que deu sustentação ao segundo), algo muito primordial para os povos indígenas, para sua religiosidade, criando o pertencimento a um sagrado capaz de dar sustentação aos futuros passos na reafirmação étnica, na luta e no destaque de suas identidades.

Tentaremos ainda, mostrar sem agredir, como o povo em estudo se vê dentro desse mundo, e como se sentem praticantes e produtores dos seus saberes tão particulares.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena , PROLID, da Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL – Campus III. Orientador: professor Me. José Adelson Lopes Peixoto.

1 RELAÇÕES INTER ÉTNICAS

O grupo indígena Jiripancó, situado no alto Sertão Alagoano, é remanescente dos Pankararú, oriundos do “Brejo dos Padres”, povoado pertencente ao município de Petrolândia, no estado de Pernambuco. O parentesco entre as duas aldeias constitui motivo de muito orgulho e honra para os Jiripancó que afirmam sua origem e historicidade por onde passam e ocupam (Brito, 1992).

Muitas são as semelhanças identificadas entre ambos, a exemplo das roupas, danças, comidas, músicas, terreiros, rezas, entre outros. O parentesco ou a ligação maior entre os índios das duas etnias pode ser observado nas festividades que ocorrem mensalmente e anualmente nos referidos aldeamentos, quando grupos enormes de pessoas se deslocam de uma aldeia para outra para participar dos festejos culturais (Brito,1992). É importante ressaltar que se trata de uma tradição transmitida às futuras gerações com muito zelo e cuidado pelos patriarcas e matriarcas das famílias indígenas.

1.1 RELIGIOSIDADE

A religiosidade constitui elemento cultural marcante na aldeia Jiripancó. Segundo relatos do Sr. Elias Bernardo da Silva (Pajé Jiripancó)², seus rituais religiosos são traduzidos no direito que os indígenas têm de praticar seus costumes e tradições conforme a religião dos antigos e é também chamada de ciência do índio (BRITO 1992). Para ele, o ritual envolvendo a brincadeira Índia é de uma religião antiga, um direito que têm em brincar.

As festividades ‘Menino do Rancho’ e ‘Festa do umbu são bons exemplos, sendo desenvolvidas até o final da vida, numa intensa dedicação de passar do pai para o filho. E a realização das festividades (tradição e costumes) conta com uma organização impecável da comunidade, tendo a sua religião católica como base da crença.

A religiosidade do povo indígena Jiripancó pode ser observada em muitos aspectos. Desde o modelo que o povo entende e se relaciona com o sagrado ao ponto

² Entrevista realizada em ___/___/_____.

de vista de quem os vê, os espectadores dessa relação. O que pode ser observado é que os elementos que os cercam, também fazem parte de um todo, como se a ligação com o sagrado, sua simbologia, não se separassem das obrigações diárias, políticas, como se a comunidade em muitos momentos não existisse sem a cultura de suas raízes.

Esse povo estabeleceu um rico pertencimento entre sua vida organizativa e tradicional, tão bem visualizada quando se fala de cultuar seus ancestrais, algo que ao longo do tempo é exposto nas falas, nas rodas de conversas, no relacionamento que se cria desde pequeno; não se sente a obrigação de pertencer a uma tradição, sente-se certa satisfação de fazer parte dela, como nos disse o Pajé Elias Bernardo: “vamos brincar com os pais encantados. Nesse contexto, é uma brincadeira repleta de significados que só o povo sabe onde começar e terminar e é um pertencimento, uma relação de intimidade com seu sagrado”. Geralmente este costume acontece uma vez por ano, com existência de uma exceção, quando são feitas algumas promessas pela comunidade.

1.2 PRAIÁ

Geralmente antes de dançar o toré, existe a apresentação dos praiás. Os folgedos como também chamam esses praiás, são pessoas que recebem uma missão (...). Na maioria das vezes são homens, rapazes e em menor escala crianças, todas do sexo masculino. A vestimenta compreende um chapéu, penacho, saia, camisa, sinta (tonã), gaita e maracá.

No início do ritual, há uma 1º dança denominada puxada e outra chamada de parrelha. Na parrelha os praiás têm direito de tirar qualquer moça para acompanhá-los na dança. As mulheres se colocam nas extremidades entre os dois praiás, por que nesta ocasião eles dançam em dupla. Durante as várias danças, os praiás e o pajé (que está puxando a cantoria), fumam o cachimbo “mestre da ciência”, denominado de campião-(BRITO 1992).

Observa - se que a vinda dos Jiripancó de Pancararú, não rompeu com os laços familiares e culturais; ambos são parecidos, possuem os mesmos rituais, as danças, as músicas, o ato de união com os povos que migraram de Pancararú para Jiripancó.

Sobre o praiá, afirma-se que “A função do símbolo é religar o alto e o baixo (...). O símbolo é inferior à realidade representada mais por intermédio daquele o homem

se aproxima desta restabelecendo a unidade primordial. (FRANCO, 2006. 143)”. O povo indígena identifica-se com esse símbolo de resistência em todos os momentos da sua vida individual e coletiva, esse símbolo da etnia, tem o poder de religar o povo a um universo que está além da compreensão material. O praiá não é para o povo um objeto material apenas; sua existência carrega uma pertença capaz de transcender o que se pode ver e o universo além do que se pode alcançar.

Para FRANCO, isso é uma religação, uma barreira invisível do símbolo que se coloca entre o povo que a cultura e sua validade extra material e quando isso é fortemente executado, cria uma fusão do sagrado com seus seguidores. No povo Jiripancó, existe uma espécie de encantamento, ou seja, os moços. Os homens preparados pelo pajé e outros guardiões da religião assumem a responsabilidade de zelar de um praiá (roupa representativa dos ancestrais), a identidade do homem é imediatamente ocultada, ou seja, ele assume a identidade do símbolo, passa a ser na comunidade durante o ritual, chamado pelo nome do ancestral.

Neste contexto, o símbolo é, juntamente com o povo, unificado, dando uma prova forte de que não existe separação do sagrado com a realidade vivida pelo povo, uma particularidade que logo é desmanchada quando se separam após a mística: o moço volta a ser quem era e o praiá quem sempre foi; a importância do símbolo tem força suficiente para ocultar, sempre que preciso a identidade do seu zelador. No entendimento do povo, é ele o símbolo a força maior da sua existência. Logo, o povo pertence a ele não o contrário.

Essa ideia dá por garantia de que outros povos da mesma cultura, que tinham o praiá, possam também fazer parte, junto com os demais, de uma aliança onde todas estejam no mesmo nível de pertencimento, o que os mais velhos da comunidade chamam de irmandade, o que observamos não ser diferente entre os Jiripancó e os Pakararu, o mesmo tronco, a mesma identidade, a mesma simbologia, o mesmo pertencimento. Nos dois povos, o praiá comanda todo o universo cultural, étnico e acima de tudo religioso. “É uma mistura de tempo, onde o nosso passado novamente se une ao presente, sem a necessidade de ser obrigado, nem repreensão, antes um respeito, uma aliança que dá significado para nossa cultura, o praiá tem essa força”. , Santos³ (2014).

Nas palavras de Cícero Pereira dos Santos, observamos que é forte o relacionamento do povo com o seu símbolo maior, o praiá, onde tudo é religado ao mesmo, as festividades, as promessas – tipo de oferendas à base de carnes de boi ou carneiro, pirão de farinha de mandioca, caldo de rapadura – é uma confirmação do que o povo é e tem a convicção de pertencer; esse elemento, pode ser visto como um portal espiritual dentro da comunidade.

A foto a seguir apresenta um grupo de praiás no terreiro, ladeados por uma moça da comunidade, formando um pequeno círculo em volta do cantador de toantes. Observa-se que a comunidade não se aproxima, pois o espaço do terreio e as figuras dos praiás são envoltas de profundo respeito entre o grupo.

Entrevista realizada em maio de 2014 com Cícero Pereira dos Santos, liderança indígena, responsável adjunto pela Festa do Umbu e Festa do Cansanção na aldeia Ouricuri, do povo Jiripancó.



Fonte: Praiá dançando pareia na comunidade indígena Pinhacó, em 2013. Acervo pessoal

1.3 TORÉ

O Toré consiste numa apresentação cultural indígena que se executa em todos os aldeamentos situados no Sertão Alagoano. A participação da comunidade tem uma grande importância, pois são formados grupos de pessoas que se dividem para execução de tarefas: alguns vão à busca de água, outros em busca de madeiras para o cozimento dos alimentos. Nesse cenário, cabe aos homens matar os animais e às mulheres compete preparar a comida.

Segundo Luiz Antônio de Araújo⁴, quando seu pai chegou em Jiripancó junto com sua família trazendo o toré de Pancararú tinham que dançar escondidos, pois eram proibidos pelos brancos de praticar os rituais. Para os brancos, o toré era visto como macumba.

Com o passar do tempo três lideranças (Genésio Miranda, Maria Umberto e Manoel Celestino) juntaram-se com um Capitão vindo de Pankararú e foram a Brasília em busca do reconhecimento da Aldeia. Depois disso o toré tornou-se uma tradição reconhecida por todos independentes de todas as cores ou raças.



Fonte: Praiá dançando Toré com a comunidade na Festa do Cansanção em 2015 em Ouricuri

O Toré é uma dança que carrega muitos significados para os Jiripancó, através dele o povo manifesta seu pertencimento nas tradições e na luta. O Toré encerra todas as manifestações culturais e religiosas da comunidade.

1.4 MENINO DO RANCHO

“A festa do menino do rancho (...). É parecida com um batizado ou casamento (...). É através da saúde do menino do rancho (...). É uma obrigação. Aquele compromisso, como se fosse uma promessa para um santo da religião católica” Miranda (2015)⁵. Conforme depoimento, o ritual (Menino do Rancho) é um recurso usado pelos pais da criança que já procurara os médicos para descobrir que tipo de

⁴ Luiz Antônio de Araújo liderança religiosa da comunidade, um dos responsáveis pelo Toré.

⁵ Cacique Genésio Miranda. Comentário no texto de BRITO, 1992.

doença o filho tinha. Sem resultado na medicina convencional, os pais procuram o pajé para a cura do seu filho. Depois que a criança recupera a saúde eles pagam a promessa que fizeram para melhora da criança. Os pais convidam as madrinhas e os padrinhos, marcam o dia e matam o melhor carneiro que foi reservado para a festa.



FOTO 3 – RITUAL MENINO DO RANCHO realizado no Pinhacó em fevereiro de 2013
Fonte: acervo particular da autora

Várias pessoas se juntam e ajudam, os homens ficam com a função de matar o animal e providenciar madeiras, as mulheres ficam com a limpeza da carne e o cozimento; outros buscam água. Para começar a festa, o menino se apresenta com duas cintas um pedaço de fumo nas costas e um chapéu de palha de ouricuri. Com muita cantoria, os praiás correm atrás do menino e os padrinhos vão ao encontro para não deixar os praiás pegarem a criança; correm e voltam para o rancho feito de palha de ouricuri. Este ritual só termina quando o praiá consegue pegar a criança. Depois disso fazem suas obrigações ritualísticas e vão para o final da festa comer e beber. A comida é a carne do carneiro com arroz e farinha, a bebida é chamada de garapa, feita de água com açúcar ou rapadura.

1.5 FESTA DO UMBÚ

A festa acontece no mês de fevereiro, antes da safra deste fruto. O primeiro umbú (Imbú ou Umbú_fruto do umbuzeiro - maduro encontrado nos umbuzeiros é

levado para o terreiro onde será reunida a comunidade indígena. Fazem uma pequena trave, penduram o umbú e tentam flechá-lo. (BRITO, 1992).

Segundo o cacique Genésio, o primeiro umbú vai ser fechado para dar resistência e proteção para a própria fruta. Dizem que este fruto depois de furado, não dá lagarta. As pessoas que vão flechá-lo têm uma farda nas costas (tipo de vestimenta). Quando acontece de ser flechado, pega-se um cipó muito forte e o levam para um lugar plano e vamos fazer uma luta para quem arrastou, ou seja, quem ganhou a luta. Aparecendo o vitorioso, este sai com todo mundo batendo palmas, na maior animação, assobiando e gritando, cantando, uma torcida por que o lado de fulano ganhou. É um momento de amizade e alegria sem intrigas ou ganâncias. Depois, voltam para o terreiro e dançam toré até certas horas. Quando termina a festa, inicia-se a espera da próxima safra do umbú. Isso acontece uma vez no ano.

O comentário referente a luta trata-se de uma parte da Festa do Umbú, que é dividida em três partes fundamentais: a primeira a flechada do Umbú, seguida da puxada do cipó onde os praiás e a comunidade se dividem numa luta idêntica a cabo de guerra, puxando um cipó de mucunã no sentido nascente – poente. A segunda é a dança do cansanção, a terceira e última é a umbuzada que fecha o calendário festivo e religioso da comunidade. Tradições que só as mulheres podem fazer, uma espécie de oferenda para seus protetores espirituais (os encantados), colocando cestos contendo comidas e bebidas não alcoólicas, umbús e frutas variadas. A Festa do Umbú é a unificação desses três elementos liderados pelas mulheres para os praias, um pertencimento que une povo e crença.



FOTO 4: Meninas carregando cestos para festa de cansação ou do umbu na comunidade Ouricuri, fevereiro de 2015. Acervo particular da autora



FOTO 5 – Praiás carregando cipó para o terreiro. Aldeia Ouricuri, 2015
Fonte: acervo pessoal da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da cultura, identidade, religiosidade pertencimento de um povo, exige uma série de cuidados para não ferir o que se chama de conjunto místico existencial. Conjunto

porque as relações da cultura e os outros elementos, ao tempo que são distintos, não existem sem o outro, místico porque é nessa complementação que observamos o quanto o povo está intimamente ligado a esse conjunto como parte de si próprio, existencial por se tratar da única forma de reafirmar sua existência étnica, e ligação com o sagrado, que depende da sua existência (povo) para existir (mistério), e isto faz com que o povo em estudo, mesmo tendo elementos culturais parecidos a outros povos de raiz Pancararú, produza, celebre, cultive, realize essa pertença de forma muito particular.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BRITO. Maria de Fatima de. **Relatório Antropológico de Identificação do Território Jiripancó**. Recife: FUNAI, 1982.

FRANCO JUNIOR. Hilário. **A Idade Média - o nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ANEXO

ARAÚJO – Luiz Antônio de: Entrevista 06/03/2015

SANTOS – Cicero Pereira dos: Entrevista 08/04/2015

SILVA – Genésio Miranda da: Comentário – BRITO – 1992

SILVA – Elias Bernardo da: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao nosso querido Deus que por seu amor me concedeu a sabedoria, a paciência e o esforço para que eu fosse capaz de concretizar mais uma importante etapa da minha vida.

Os professores, os quais colaboraram no processo de construção deste trabalho, orientando os passos corretos para a execução deste trabalho.

Aos demais professores desta Universidade pelo conhecimento que apresentaram e de alguma forma plantaram boas sementes no qual irei colher futuramente e pelo apoio no curso o qual colaborou para o crescimento da pessoa que irei ser de hoje em diante.

A todos os colegas de sala nos quais durante toda a minha estada nesta Universidade me proporcionou momentos de companheirismo e alegria nos quais também colaboraram para a construção de conhecimentos por meio das trocas de ideias. Em especial “Cícero Jiripancó”.